Restoration Fellowship

Jesus, a Palavra do Reino e o Caminho Real para a Imortalidade

Entre muitas cartas muito encorajadoras de ouvintes, recebi três de um professor e autor católico romano:

> "Acho relevante para mim dizer que sou professor de teologia e do Novo Testamento (NT) em uma instituição católica romana… e que acredito que sua publicação ***Focus on the Kingdom*** é teologicamente importante, por mais que seja negligenciado pelo setor que é assim que represento. Você aborda questões radicalmente importantes na teologia cristã que são inteiramente apropriadas porque, na verdade, o exercício teológico é apenas adolescente e precisa de orientação adicional. Acho que você está fazendo um bom trabalho que espero que eventualmente tenha um impacto na tradição da minha própria igreja. Há muito trabalho a ser feito antes que possamos, coletivamente, pensar com clareza e estou feliz que a honestidade da sua revista sobre essas coisas seja tão inabalável".

A Fé Abraâmica

Palavras como estas podem encorajar-nos a comunicar, por todos os meios disponíveis, o que encontramos nas Escrituras. Eles fortalecem a minha convicção de que as verdades centrais da Fé Abraâmica (**a promessa de terra/semente feita a Abraão** como base da Aliança confirmada no ensino evangélico do Reino de Jesus e na sua morte e ressurreição) refletem de facto a "*fé que uma vez foi dada aos santos*", que o irmão de Jesus nos exorta a recuperar a todo custo (*Judas 3*).

A partir de contatos por e-mail, Internet e rádio, bem como dos brilhantes novos alunos que chegam ao *Atlanta Bible College*, estou coletando cada vez mais "histórias de casos" de homens e mulheres que estão entusiasmados e radicalmente mudados ao aprender pela primeira vez. em suas vidas que o Evangelho no **NT** está realmente **centrado no Reino de Deus**; na verdade, que Jesus foi o protótipo do pregador e arauto do Evangelho, e que ele nunca sonhou que *era* Deus.

A compreensão que "*Yeshua*" tinha de si mesmo era que ele era o Cristo, o Filho de Deus. O "Evangelho de Jesus Cristo" significa o Evangelho tal como veio dos lábios de Jesus (ou seja, um genitivo subjetivo: Jesus é o autor do Evangelho), não apenas um Evangelho sobre como Jesus morreu e ressuscitou. Marcos intitulou a sua história "o Evangelho de Jesus Cristo" e depois começou a descrever a pregação do Evangelho de João e a pregação do Evangelho de Jesus, que ele chama de Evangelho de Deus. O Reino é o fundamento inegociável do Evangelho. João e Jesus estavam unidos no seu conceito do Evangelho como o Evangelho do Reino (*Mateus 3:2; 4:17, 23*; compare com *Mateus 4:23; 9:35; 24:14*). Mateus, ao usar o substantivo "*evangellion*", qualifica-o com a frase descritiva "do Reino".

Dissidentes Como Nós

Se estas premissas forem sólidas, toda a história da igreja muda fundamentalmente. O que é conhecido como "ortodoxia" na verdade não é isso, mas simplesmente uma das várias opções de crenças concorrentes nos primeiros séculos d.C. e eles venceram, estabelecendo o ritmo e o padrão para os séculos vindouros. O partido dominante venceu, não porque fosse fiel às Escrituras, mas porque conseguiu reunir mais influência, especialmente com a ajuda do Estado romano. **[1]** Existem numerosos estudiosos que sabem que a fé se afastou dos padrões de verdade do NT a partir do segundo século, e que as coisas nunca mais foram as mesmas desde então. **[2]**

Dissidentes como nós, e muitos que vieram antes de nós, desafiaram o "*status quo*" e, se quisermos ser de alguma utilidade para o Messias e para o mundo, devemos continuar a fazê-lo. "*se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai*" (*Marcos 8:38*). Assim disse Jesus, e também observou que o sal que perdeu o sabor não vale nada.

A Identidade de Jesus

Durante cerca de dois mil anos, prevaleceu na cristandade a noção de que a figura salvadora central do NT é na verdade uma Pessoa pré-existente, pré-histórica, pré-humana e pré-mortal, o segundo membro de uma eterna Divindade Trina. Todos admitem que este conceito de Deus como três não é expresso diretamente em nenhum lugar da Bíblia. O "*Oxford Companion to the Bible*" (A Bíblia Companheira Oxford) diz, com um eufemismo britânico bastante irritante, que a Trindade "não pode ser facilmente detetada dentro dos limites do cânon". [Os *Cockneys* (residentes de um bairro operário na zona leste de Londres) diriam de forma mais direta e honesta: Não existe em lugar nenhum!] Mas a opinião predominante continua a afirmar que um eterno "Deus, o Filho" está claramente nas Escrituras por implicação e deve ser aceito com convicção inquestionável. Se isso não for feito, dizem muitos, o resultado será ardente para todo o sempre.

Não deixe que ninguém lhe diga: "as doutrinas não importam"!

Agora, este é um mundo teológico desafiador para se viver. *Miguel Servet* pagou com o seu sangue por ousar questionar esta espantosa proposta trinitária. *Calvino*, o reformador, que também leu o Sermão da Montanha, autorizou o assassinato judicial de *Servet* em 1553. Mas então *João Calvino* tornou-se ferozmente antipático para com aqueles de nós, "anabatistas pestilentos" (como ele os chamava), que acreditávamos que os mortos em realidade eles estão mortos até a ressurreição. *Calvino* também acusou os discípulos e apóstolos treinados do Messias de compreenderem completamente mal o que é o Reino de

Deus. Como se recorda, *Calvino*, no seu comentário a *Atos 1:6*: "*Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?*", afirma que, ao fazer esta pergunta, os estudantes do Messias cometeram "mais erros do que palavras nesta pergunta": cerca de 11 erros!

Nosso Caso Contra o Dogma Trinitário

Proponho que nós, dissidentes, defendamos o nosso caso contra o dogma trinitário, que aparece num livro cristão após outro, num tratado após outro, e num texto de teologia sistemática após outro. Enfrentamos uma enorme indústria e propaganda e, creio eu, um colossal imbróglio eclesiástico, defendido por surpreendentes complexidades e ofuscações verbais. Nossa tarefa é testemunhar do "*único Deus verdadeiro*" (*João 17:3*; compare com *5:44*). Jesus identificou esse Deus como seu Pai. Proponho que exortemos os leitores da Bíblia a voltar ao início, como Jesus fez, para explicar quem ele é. "*E, começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras*" (*Lucas 24:27*). Observe o método do Messias em seu sermão bíblico.

É impossível imaginar, se alguém leu *Deuteronômio 18:15-18*, que o Messias seria o próprio Deus. Esse texto, um dos favoritos de Pedro e Estêvão (*Atos 3:22, 7:37*), afirma expressamente que o Messias não é Deus. O Salvador deve ser alguém originário da família de Israel, um profeta como Moisés que surge dentre os israelitas. Quão assustadoramente confuso, ou melhor, enganoso, seria se Deus eventualmente enviasse um Messias que fosse na verdade o próprio Deus, existindo conscientemente desde a eternidade. Isto seria destruir o testemunho sagrado de *Deuteronômio 18:15-18* e muitas outras promessas igualmente inequívocas do AT.

A Semente de Eva

O Messias, como os judeus relataram nos seus escritos sagrados – e esta é a sua crença hoje – seria "a descendência de Eva", "a estrela que nascerá em Israel", o filho de Abraão e a descendência de David. O registro de sua origem remonta aos tempos antigos (*Miqueias 5:2*, NASV). Ele nasceria em Belém e seria um Moisés superior. Na declaração divina mais famosa do AT (*Salmo 110:1*, muito proeminente no NT **[3]**), o Messias deveria ser "meu senhor" (*adoni*). "*Adoni*" em todas as suas 195 aparições nunca é uma referência à Divindade. Deus não falou com Deus, mas com seu agente humano. Jesus amava esse salmo (*Mateus 22:41-46*) e usou-o para resolver todas as disputas.

Se, afinal de contas, o Messias era um ser eterno e incriado, como, com base nesta evidência, poderia Israel, ou qualquer outra pessoa, ter reconhecido o Messias quando ele veio, se ele realmente afirmasse **ser** o próprio Deus? Nenhum judeu teria tolerado a ideia de que Deus seria filho de Davi ou de Eva! O que nos tempos post-bíblicos se tornou a visão "ortodoxa" exigida **[4]** do Filho de Deus envolve uma complicada bola curva lançada contra Israel. Contradiz as expectativas claras de quem seria o Salvador, conforme descrito nas páginas de suas Sagradas Escrituras.

Também contradiz as primeiras páginas do NT. Na verdade, Mateus não nos apresentou um Filho eterno e incriado. Portanto, Mateus não poderia ter acreditado na Trindade.

Começar Pelo Princípio

Se começarmos do início do NT, poderemos argumentar com sucesso o nosso caso. *Mateus* nos deu um relato detalhado das origens do Messias. Primeiro é dito que ele é descendente de Abraão e Davi (*1:1*), exatamente como esperaríamos das promessas do AT. Mas mais do que isso, em *Mateus 1:18* Mateus abordou os detalhes da "origem" de Jesus Cristo. "*Ora, o nascimento* [***gênese***] **[5]** [origem, criação, origem,

começo] *de Jesus Cristo foi assim: Que estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se ajuntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo*".

A *gênese* do Messias

O que poderia ser mais claro? Mateus fala da gênese do Messias, não apenas do seu nascimento. É verdade que o nascimento na Bíblia, e fora dela, significa que uma nova pessoa entra na vida, mas Gênesis aponta como essa vida se originou. Mateus 1:20: "*José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, porque* ***o que nela está gerado*** (*to en autee genneethen*) *é do Espírito Santo*". Observe a tradução um pouco confusa em nossas versões, "*gerado*". Maria certamente concebeu, mas o que o texto enfatiza é a atividade do Pai gerando, gerando e iniciando a vida de uma nova pessoa. Já usamos o mesmo verbo "gerar" 40 vezes em *Mateus 1* ("fulano gerou fulano de tal").

Seria uma contradição grave nesta narrativa incomparável preocupar-se com a ideia de que, de facto, um Filho de Deus previamente existente foi transmutado ou transformado, ou mesmo transformado a si mesmo, numa nova pessoa ou feto. Toda essa ideia é mais parecida com reencarnação. Lembre-se da ideia muito pagã de que "*deuses semelhantes aos homens, e desceram até nós*" (*Atos 14:11*) ou da pergunta ingênua de Nicodemos sobre entrar no ventre da mãe por fora. O que Mateus descreveu é o início, a origem, a criação, de facto, de uma nova personalidade no ventre da sua mãe.

O milagre é local e histórico. E essa pessoa é o Filho de Deus. Naquele momento da história surge o Filho de Deus. Não há nenhuma sugestão de que ele esteja trocando uma forma de existência por outra. (Tudo o que acabei de dizer aqui é, obviamente, "heresia" para os padrões modernos).

O Giro Gnóstico

Os gnósticos não estão interessados em história ou fatos, então a história foi mudada no século II por cristãos de mentalidade gnóstica. Os gnósticos, os primeiros "teólogos", foram aqueles que procuraram fazer de Jesus menos uma figura judaica e mais um membro universal do Panteão. Esta é a velha tendência ecumênica: façamos de Jesus uma figura religiosa universal! Não seria então mais atraente para uma maior diversidade de pessoas? Para que serviria um Jesus messiânico *judeu*? (Assim foi o argumento.) A virada gnóstica mostrou boas técnicas promocionais, talvez, mas era fundamentalmente falsa em relação ao verdadeiro e original Messias. Promoveu o perigo sempre presente de "outro Jesus". E esse outro "Jesus" era uma figura religiosa, certamente, e foi oferecido como Salvador, mas seria ele o "*Yeshua Hamashiach*" judeu (Jesus Messias) da revelação divina, a semente de Abraão?

Um Falso Halo

Depois, uma dimensão fictícia e lendária "maior que a vida" foi *acrescentada* ao retrato de Jesus, sobreposta ao texto bíblico, no sentido de que o Filho não havia realmente nascido no ventre de sua mãe, mas que havia desenhado a sua própria "conceição" em Maria. Uma falsa auréola foi acrescentada a Jesus. Ele sofreu o destino de outros líderes religiosos, como Buda. Ele foi deificado. Afinal, ele não era realmente um ser humano, mas um visitante de outro mundo. O comentário de um padre católico romano na televisão foi completamente explicável com base na nova história revisada: "*Um dia, Deus veio ter com Maria e disse-lhe: "Maria, queres ser minha mãe?'"*"

Esta nova e surpreendente reviravolta da história reflete-se no início do século II, quando *Justino Mártir* começa a falar de "outro Deus e Senhor sob o Criador", aritmeticamente distinto do Pai. **[6]** E este Filho vem, segundo *Justino*, através de Maria e não mais, como diz Mateus, por (*ek*) Maria (*Mateus 1:16*), originando-se em Maria.

Com esta surpreendente alteração na identidade de Jesus, "o Jesus histórico desapareceu completamente" [*Martin Werner*, "*The Formation of Dogma*" (A Formação do Dogma), pág. 298]. O mesmo autor, que era professor de Teologia Sistemática em Berna, na Suíça, observou que o catolicismo primitivo era na verdade uma nova religião helenística de mistério com "Jesus" no centro.

O Professor *Loofs* descreveu a transformação de Jesus em Deus como "**a introdução camuflada do politeísmo no Cristianismo**" **[7]**.

O Jesus de Lucas

O relato de Lucas sobre o **início** do Filho de Deus é igualmente claro. Nem ele nem Mateus poderiam ter sido trinitarianos ou mesmo binitarianos, e teriam sido automaticamente desqualificados do pastorado nas principais denominações de hoje. Assim é Lucas, no seu brilhante e sucinto relato da visita de Maria por Gabriel: "*Descerá sobre ti* [Maria]*, o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deu*" "*por isso também...*" Há uma clara conexão causal entre a **filiação** de Jesus e sua geração milagrosa. Jesus é o Filho de Deus, não por causa de uma existência anterior na eternidade (Trinitarianismo) ou pouco antes da criação do mundo (Arianismo), mas porque ele é a nova criação em Maria e na história, sob a influência direta do Pai através do espírito santo.

Isto, certamente, é a vinda à existência do último Adão. Este é o Filho supremo de Deus, emergindo como um descendente sanguíneo de Davi, como exigem as profecias sobre o Messias. Quando a linhagem de Salomão foi amaldiçoada em Joaquim (*Jeremias 22:28*: "*É, pois, este homem Conias* [Joaquim] *um ídolo desprezado e quebrado, ou um vaso de que ninguém se agrada? Por que razão foram arremessados fora, ele e a sua geração, e arrojados para uma terra que não conhecem? Ó terra, terra, terra! Ouve a palavra do SENHOR… Escrevei que este homem está privado de filhos, homem que não prosperará nos seus dias; porque nenhum da sua geração prosperará, para se assentar no trono de Davi, e reinar ainda em Judá*"), os descendentes naturais de Joaquim foram desqualificados para sentar-se no trono real. De Israel. Outro David foi aparentemente "emprestado" da linhagem de David através de Natã (*Lucas 3:27-31*), e assim a linhagem de sangue de David a Jesus foi estabelecida.

Seu Verdadeiro Pai

Jesus era parente de Davi por meio de sua mãe e legalmente por meio de seu pai. **[8]** Seu verdadeiro Pai, é claro, era Deus, que empreendeu a Nova Criação do último Adão e trabalhou dentro de uma donzela israelita. Paulo confirma que esta é a ordem correta dos acontecimentos quando diz que "*O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante*" Mas "*não é primeiro o espiritual*" (ver *1 Coríntios 15:45-47*).

Já no início do século II esta história deu uma guinada: 2 Clemente: "Cristo, que nos salva, sendo **primeiro espírito**, tornou-se carne". "Esse", observa *Harnack*, "é o credo teológico e filosófico fundamental sobre o qual todas as especulações trinitárias e cristológicas [observe a palavra!] da Igreja dos séculos seguintes são construídas, e é, portanto, a raiz da doutrina ortodoxa. sistema de religião dogmática" ["*History of Dogma*" (História do Dogma), Vol. 1, pág. 328).

Raymond Brown e a Preexistência

O que propomos sobre a compreensão de Mateus e Lucas sobre quem é Jesus foi poderosamente afirmado pelo célebre estudioso católico romano, o falecido *Raymond Brown*, no seu detalhado trabalho sobre "*The Birth of Messias*" (O Nascimento do Messias) (Doubleday, 1979).

Raymond Brown e a Preexistência

O que propomos sobre a compreensão de Mateus e Lucas sobre quem é Jesus foi poderosamente afirmado pelo célebre estudioso católico romano, o falecido *Raymond Brown*, no seu detalhado trabalho sobre O "*Birth of the Messiah*" (Nascimento do Messias) (Doubleday, 1979) (Doubleday, 1979).

Mostra conclusivamente que nem Mateus nem Lucas acreditavam que o Filho de Deus existisse literalmente antes de seu nascimento. Portanto, estes escritores não poderiam ter sido "ortodoxos" no sentido moderno. Para eles a criação/geração/vir à existência do Filho foi por milagre em Maria. Eles promovem um Jesus diferente do Jesus Trinitário do Cristianismo post-bíblico.

A ideia de que Jesus simplesmente mudou de espírito para carne em seu nascimento é estranha a todo o NT. Na verdade, "encarnação" é mais parecida com transmigração ou reencarnação. Se o Filho estava vivo antes de ser gerado, ele não nasceu de fato. O nascimento implica a existência de uma nova pessoa. Jesus, o Filho de Deus, não estava em trânsito entre dois mundos ou formas de existência. Seu início foi por volta do ano 2 ou 3 AC.

A transformação do Filho de Deus

"Mateus e Lucas trazem [a questão da identidade de Jesus] para a conceição de Jesus. No comentário enfatizarei que Mateus e Lucas não mostram conhecimento da preexistência; aparentemente para eles a conceição era **tornar-se (gerar) o Filho de Deus**. A harmonização pela qual uma Palavra pré-existente toma corpo... é atestada apenas no período [posterior] do NT" (pág. 31).

"O fato de Mateus poder falar de Jesus como 'gerado' (passivo de *gennan*) sugere que para ele a conceição pelo espírito santo é **tornar-se o Filho de Deus**. [Na "Cristologia da Conceição" de Mateus e Lucas] A ação criativa de Deus na conceição de Jesus gera Jesus como o Filho de Deus... **Não há sugestão de uma encarnação** pela qual uma figura que estava anteriormente com Deus toma carne. Para a cristologia da preexistência [Encarnação], a conceição de Jesus é o início de uma carreira terrena, mas não a geração do Filho de Deus. [Mais tarde] a conceição virginal não era mais considerada como a **geração do Filho de Deus**, mas como a encarnação do Filho de Deus, e isso se tornou a doutrina cristã ortodoxa. Esse processo de pensamento provavelmente *já estava em funcionamento no início do século II*, em *Inácio de Antioquia* [Hoben, "*Virgin Birth*" (O Nascimento Virginal), 20-21]; *Aristides*, Apologia 15:1; *Justino*, Apologia 1:21 e 33; *Melito de Sardes*, Discurso sobre a Fé 4" (págs. 140, 141, 142).

"Assim como não se deve confundir a conceição de cristologia encontrada nas histórias da infância de Mateus e Lucas com a cristologia pré-existente do prólogo de João **[9]** … (não se pode falar de) uma encarnação em Mateus e Lucas. ***Nem deve "Deus connosco" ser lido no sentido niceno, como se identificasse Jesus com Deus***. Para Mateo, Jesus é a expressão da presença de Deus junto ao seu povo. Mateus não é uma das obras do NT que começa a chamar Jesus de "Deus". E, claro, nenhuma obra do NT alcança a clareza do concílio de Nicéia ao chamá-lo de *'verdadeiro Deus do verdadeiro Deus'*" (pág. 150).

Filho de Deus

Lucas 1:35: "*'será chamado'* **– chamar expressa o que alguém é**, de modo que significa nada menos do que "***será***" (compare, *Mateus 5:9*: "***eles serão chamados*** ***Filhos de Deus***" e ***Lucas 6:5***: "***sereis filhos do Altíssimo***)" (págs. 289, 290, 291).

"A combinação de espírito e poder é muito lucana, ocorre em *Lucas 1:17, 4:14, Atos 1:8, 6:5, 8, 10:38*). Sem conhecer as regras de paralelismo da poesia bíblica que deixam claro que "poder do Altíssimo" é

sinônimo de "Espírito Santo", alguns teólogos patrísticos e medievais pensavam que as referências em 1:35, b, c, eram respetivamente para a Terceira e Segunda Pessoa da Trindade, então "poder" era a Segunda Pessoa que desceu para encarnar no ventre de Maria. *Como veremos, não há nenhuma evidência de que Lucas tenha pensado na encarnação de alguém pré-existente*".

Lucas 1:35: "*'Por isso'* - Das nove vezes que "*dio kai*" aparece no NT, três estão em Lucas/Atos. Implica uma certa causalidade e *Lyonnet* (*L'annonciation*, 61.6) assinala que este facto tem intrigado muitos teólogos ortodoxos, uma vez que na cristologia [ortodoxa] da pré-existência uma conceção pelo Espírito Santo no ventre de Maria não produz a existência do Filho de Deus. Lucas parece desconhecer tal cristologia; para ele, a conceção está causalmente relacionada com a filiação divina.

"*'será chamado Filho de Deus'* – Equivalente a dizer "*Ele será*". E é por isso que não posso seguir aqueles teólogos que tentam evitar a conotação causal no "por que" que inicia esta linha, argumentando que para Lucas a conceição da criança não traz à existência o Filho de Deus, mas apenas nos permite chamar "Filho de Deus" Àquele que já era Filho de Deus".

Nenhuma Teologia da Encarnação ou Preexistência

"No entanto, não há evidência de que Lucas tivesse uma teologia da encarnação ou da preexistência; antes, para *Lucas* (*1:35*), a filiação divina parece ter sido realizada através da conceição virginal… Jesus foi concebido e nasceu, e isso é solidariedade suficiente com a raça humana" (pág. 432).

"Primeiro, na crença cristã ortodoxa, Jesus seria o Filho de Deus independentemente de como foi concebido, visto que a sua **filiação é eterna** que não depende da encarnação… Em Mateus e Lucas a conceição virginal estava ligada a uma articulação da filiação divina de Jesus" (pág. 529). "Ambas as narrativas desenvolvem a ideia cristológica de que Jesus era o Filho de Deus *desde o primeiro momento de sua conceição*" (pág. 561).

"Mais tarde, a ortodoxia cristã entendeu que Jesus preexistia como o Filho de Deus de uma maneira incorpórea desde toda a eternidade... essa visão [não corresponde a nenhum dos pensamentos de Lucas]" (pág. 90).

Lucas e Mateus: "Há mais uma conotação de criatividade. Maria não é estéril e, neste caso, o filho não existe porque Deus coopera com a ação geradora do marido... Pelo contrário, Maria é uma virgem que não conheceu o homem e, portanto, o filho é inteiramente obra de Deus – **uma nova criação**... Já enfatizei... que Lucas não pensa num Filho de Deus pré-existente... Somente nos **escritos do século II** encontramos os conceitos de Lucas e João combinados numa encarnação de um divindade pré-existente (ver Inácio, *Efésios 7:2*, *Esmirna 1:1*, combinado com *Magnésios 8:2*, também *Aristides*, Apologia 15:1, *Justino*, Apologia, 1 21, 33. *Melito*, Discurso sobre a Fé, 4)" (pág. 314).

Dificuldade para a Cristologia Nicena

"Lucas não teve dificuldade em afirmar que Jesus cresceu em sabedoria e no favor de Deus… Esta afirmação causou grande dificuldade aos teólogos cristãos posteriores, treinados numa cristologia nicena de preexistência eterna, porque não podiam admitir que um Verbo encarnado pudesse crescer em sabedoria ou graça. *Renie* lista suas teorias sobre como tal crescimento não poderia significar um crescimento da graça de união ou da graça santificadora, mas apenas a manifestação externa de uma graça já possuída. Hoje nós os veríamos como problemas de teologia sistemática e não de exegese" (pág. 483).

Acredito que o endosso de um distinto estudioso do NT à nossa visão de Jesus é de grande valor para apresentar Jesus ao público. Poderíamos acrescentar que Paulo fala do Filho de Deus que "***nasceu*** [veio à existência] *de mulher*" (*Gálatas 4:4; Romanos 1:3*). Paulo usa a palavra "*ginomai*" = veio a existir, em vez

da palavra comum "nasceu" (*gennao*). *Gálatas 4:23, 29* fala do nascimento de Esaú usando a palavra normal para nascimento (*gennao*). Paulo parece estar enfatizando que o nascimento de Jesus, o Filho de Deus, não foi apenas o seu nascimento, mas a sua entrada na existência.

O Caminho Real para o Reino: A Semente e as Sementes

Está bem estabelecido, portanto, que Jesus é a semente da mulher prometida como remédio para o mundo pouco depois da queda catastrófica do homem (*Génesis 3:15*). *Gálatas 3:19* faz de Jesus o destinatário da promessa. Não só é o redentor prometido, como é "*aquele a quem foi feita a promessa* [abraâmica]". Por outras palavras, Jesus é o herdeiro do trono mundial e é ele que supervisiona a nova ordem mundial que se aproxima, com sede em Jerusalém (*Jeremias 23:5*, etc.). Afinal de contas, a Bíblia só trata de uma coisa: quem fica com a terra? O que poderia ser mais relevante para o atual caos no Médio Oriente? Os cristãos sabem como a história termina. Termina com o Messias no comando, equipado para levar os ímpios à justiça e promover os justos a posições de influência (*Isaías 32:1; Provérbios 25:5; Daniel 7:18, 22, 27*, etc.).

Entretanto, aliás, é importante não nos deixarmos enganar pensando que o Israel étnico pode esperar habitar pacificamente na terra, enquanto desobedece ao Messias que veio e irá regressar. A posse da terra nunca foi incondicional. Foi por causa da incredulidade que o exílio ocorreu sob Nabucodonosor. Foi por causa da incredulidade que Israel foi novamente expulso da terra em 70 DC. E por causa da mesma incredulidade ela está destinada a sofrer a grande tribulação, "*o tempo de angústia de Jacó*" (*Jeremias 30, 31; Daniel 12:1; Mateus 24:21*).

Um Futuro Para Israel

O arrependimento final do resto do Israel étnico permitir-lhes-á sobreviver até aos tempos do Reino. Portanto, de facto, há um futuro para Israel quando aceitar o seu Messias. A aceitação desse Messias seria imensamente mais fácil (assim como para os muçulmanos) se lhes fosse apresentada a versão abraâmica de quem é Jesus. Por que um muçulmano ou um judeu deveria aceitar um Jesus que é parte de um Deus Triuno?

A história de Jesus, na verdade, a história da Bíblia como um todo nada mais é do que uma história messiânica real, davídica. É política espiritual por completo. Na realidade, o Diabo só tem um truque: separar Jesus dos seus ensinamentos. Você pode pregar "Jesus" indefinidamente, mas ele é realmente Jesus se estiver divorciado de seus próprios ensinamentos/Evangelho? Acho que se relermos o NT com isso em mente, encontraremos muitos dos escritos dedicados a dizer: "deveis apegar-vos à Palavra, e pela Palavra se entende o Evangelho do Reino" (*Mateus 13:19*). "Palavra" na Bíblia não é apenas um sinônimo da Bíblia. Significa o Evangelho salvador, o cerne da Bíblia.

A "palavra" está para as Escrituras assim como o "núcleo" está para a maçã ou o alvo está para o alvo. Satanás é mestre em se livrar de informações essenciais. Confunda a linguagem e você terá tudo confuso. Embora o público saiba apenas que "a Bíblia é a palavra de Deus", Jesus disse que "*a semente é a palavra de Deus*" (*Lucas 8:11*). O NT geralmente chama a Bíblia de "as Escrituras".

A Parábola do Cedro Real de Ezequiel

Jesus contraria esta confusão verbal com a sua clareza brilhante. Eu tinha lido a parábola de Ezequiel sobre o cedro real (*Ezequiel 17*). Ele se sabe aliado de Deus e portador do Evangelho do Reino de Deus. Assim, ele embarca na tarefa de divulgar as notícias da vindoura Nova Ordem. Ele é o provedor da fórmula da imortalidade. Toda a vida surge de uma semente. As sementes dão frutos. Com base nessa noção fundamental sobre as sementes também apresentada em *Gênesis 1*, Jesus começa a criar **a criação nova**.

Ele semeia a família real, seus próprios irmãos e irmãs, ao semear sua semente (Lucas 8:5). Seu nome para um cristão é "Filho do Reino" ou "discípulo do Reino" – filhos reais ou estudantes reais. O Messias, tendo redefinido a família como "aqueles que ouvem a palavra e a praticam", transmite o segredo sobre como esta vida divina do Reino deve ser adquirida e propagada:

"*Eis que o semeador saiu a semear*." A analogia com a reprodução é óbvia. Jesus reproduz-se nos outros, transmitindo a mensagem semente do Reino (*Mateus 13,19*), que habita primeiro nele. A Mensagem Semente faz parte do seu DNA, por assim dizer, desde o momento em que Deus criou o Filho no ventre de Maria. O Filho é marcado pelo Pai no seu batismo pelas mãos de João, etapa importante da carreira cristã como selo público da nossa confissão do Reino.

Ouvir o meu amado filho

A voz do Pai fornece o comentário: "*Este é o meu amado Filho; a ele ouvi*" (*Lucas 9:35*) – não simplesmente "Observe-o morrer, ser sepultado e ressuscitar". "Ouça o que ele prega como o Evangelho. Ouça suas instruções sobre como renascer para a imortalidade . Quem tem ouvidos para ouvir, ouça", É bastante fascinante o que Lucas relata: "*Dizendo ele estas coisas,* [a parábola do semeador], *clamava*" (*Lucas 8:8*). "OQJF – O que Jesus faria?", também deveria dizer "OQJD – O que Jesus diria?" Jesus forneceu o roteiro para todo evangelismo quando ordenou "Pregue que o Reino está próximo".

Quão estranho é que a palavra Reino esteja ausente de quase todos os folhetos evangélicos já impressos!

Antes da parábola extremamente importante do semeador, Jesus redefiniu a família. Quando seus pais tentam conversar com ele, isso desvia a atenção para uma verdade muito maior. "*Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?*" Pois bem, quem faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe.

A Conclusão

A sua verdadeira afinidade não é com Maria e José (que chegaram a pensar que o seu filho tinha enlouquecido), mas com aqueles que respondem à Mensagem do Reino. Jesus, como observou *George Ladd*, "divide a sociedade em dois campos antitéticos: aqueles que ouvem e compreendem o Evangelho do Reino e aqueles que não o fazem". Estes dois campos representam as duas raças de seres humanos – os degenerados e os regenerados. A menos que um homem comece de novo, a menos que nasça do alto, nasça de novo, "ele não pode ver nem entrar no Reino de Deus". "*e não entendam;* [Evangelho do Reino] *para que não se convertam,* [*Mateus 13:19*]*, e lhes sejam perdoados os pecados*" (*Marcos 4:11, 12*). Essa é a conclusão de toda a teologia de Jesus.

A Chave

É interessante perguntar ao público: se nascer de novo é absolutamente essencial para a salvação (renascer sob a influência do espírito), por que Jesus, segundo Mateus, Marcos e Lucas, nunca usou essa frase sobre renascimento? Por que Mateus, Marcos e Lucas não mencionam "nascer de novo" com tantas palavras? A resposta deve ser que é impossível que Jesus não falasse constantemente de renascimento. A chave é que ele usou diferentes metáforas e parábolas (comparações) para transmitir seu ponto de vista. Nos sinópticos, no cerne do ensino do Messias da Nova Aliança, o programa da imortalidade é descrito em termos de um novo nascimento a partir da semente, isto é, a semente que é a "*palavra de Deus*" (*Lucas 8:11*) = a "*palavra do Reino*" (*Mateus 13:19*).

O Evangelho/Palavra do Reino é apresentado por Jesus como a fórmula da imortalidade, o elixir da vida, a chave da existência indestrutível. Com a semente da vida nova estamos vivendo verdadeiramente. Sem ter assimilado essa semente, estamos mortos enquanto vivemos. Dois lados: o regenerado e o degenerado. Jesus está criando o pessoal do Reino através do renascimento. Ele está gerando a nova raça de imortais. (A caricatura satânica disso é o episódio horrível descrito em *Gênesis 6*).

O portador desta nova vida é o ensinamento do Messias, o seu Evangelho do Reino, as palavras que "*são espírito e vida*" (*João 6:63*). À medida que essa semente germina na mente (coração) do ouvinte, uma nova existência começa. É um evento explosivo, acompanhado de uma emoção enorme. Uma perspetiva completamente nova se abre. O coração se eleva ao contemplarmos a vida para sempre, a Vida do Século Vindouro, a Vida do Reino.

Regeneração

Se alguém ler os artigos do Dicionário Bíblico sobre "regeneração" de vez em quando, encontrará uma excelente observação sobre o que Jesus ensinou sobre este assunto: "A parábola do semeador implica que a vida específica do Reino surge no coração humano através de o afundamento do Evangelho (compare: "Deixe estas palavras penetrarem em seus ouvidos"), e está produzindo, por assim dizer, uma nova raiz de personalidade" ["*Hastings Dictionary of the Bible*" (Dicionário Hastings da Biblia, "*Regeneration*" (Regeneração, página 216)] .

Contudo, o dicionário não explica o que realmente é essa semente. Lucas faz isso. Ele diz: "*A semente é a palavra de Deus*". Marcos também diz: "*A semente é a palavra*". Mateus: "*a semente é a palavra do Reino*". Não é de admirar que Jesus tenha acusado o estabelecimento de tirar a chave do Conhecimento, a Chave do Reino (*Lucas 11:52; Mateus 23:13*).

Surpreendentemente, o diretor do *Moody Bible College* escreve: "O Evangelho da graça não tem nada a ver com o Reino de Deus em si" (da correspondência). **[10]**

Mais uma vez, houve uma perda muito significativa de informação porque o público foi ensinado a dizer "a palavra de Deus é a Bíblia". Jesus disse que a palavra de Deus é a semente – o seu próprio Evangelho. Muitos fiéis falam da "Palavra" ou da "Palavra de Deus" como se fosse apenas um sinônimo da Bíblia. Mas não é. A Bíblia geralmente se autodenomina Escrituras. O termo "palavra" no NT reserva-se em grande parte para o Evangelho pregado por Jesus e pelos apóstolos.

A Semente Criativa Essencial da Imortalidade

Tendo identificado a semente criativa essencial da imortalidade como o Evangelho do Reino, o resto do NT é apresentado como um comentário sobre este tema central. Cada exortação para "continuar na palavra" ou "deixar a palavra de Cristo habitar ricamente em você" está incorporada na ideia de que o Evangelho do Reino deve governar todo o nosso pensamento e ação. O Evangelho de João é em grande parte um sermão sobre a aceitação da "palavra" e das "palavras de Jesus". Pedro se alegra com **a semente do renascimento** como a "*E esta é a palavra que entre vós foi evangelizada*" (*1 Pedro 1:22-25*, onde a semente, o renascimento e o Evangelho são o assunto). Tiago também fala da "*palavra da Verdade*" como uma ferramenta de renascimento (*Tiago 1:18*) e da **palavra** assim **implantada**.

Paulo também observa que os cristãos são aqueles "*nascidos do espírito*", isto é, aqueles nascidos da Promessa (*Gálatas 4:28, 29*). Mas Paulo prefere a imagem da nova criação. Assim como a luz brilhou pela primeira vez em Gênesis na criação, a luz do Evangelho da glória de Cristo brilha em nossos corações (*2 Coríntios 4:6*). Paulo é um pregador tenaz do Evangelho do Reino e resume toda a sua carreira "*pregando o reino de Deus*" (*Atos 20:25*), onde identifica o **Evangelho da graça** (*Atos 20:24*) como **o Evangelho do**

Reino (veja também *Atos 8:12*, a ênfase incansável de Filipe e Paulo no Evangelho do Reino em *Atos 19:8; 28:23, 31*). João ecoa seus companheiros apóstolos quando aponta para a **semente que habita nos crentes nascidos de novo** como a chave para o cristianismo triunfante (*1 João 3:9*).

O Dispensacionalismo os Separa

Acredito que a fé abraâmica do Reino de Jesus deve confrontar a versão diluída do Evangelho hoje amplamente difundida. O Dispensacionalismo, seja na sua forma "ultra" ou não, conseguiu uma separação de Paulo de Jesus e, portanto, uma separação do Evangelho de Jesus. **[11]** *Romanos 10:8-17* foi maltratado para dar a impressão de que para Paulo no Evangelho apenas a morte e ressurreição de Jesus contavam. Se fosse esse o caso, Paulo teria abandonado o Evangelho de Jesus. Paulo teria desobedecido à Grande Comissão.

Paulo teria se colocado sob sua própria maldição (*Gálatas 1*) por retirar do Evangelho o elemento essencial do Reino, tão importante para Jesus quanto o tesouro da sabedoria e do entendimento salvíficos. Mas Paulo não se desviou nem um pouco do evangelho do Messias. Ele declarou, como conclusão contundente, em *Romanos 10* que "*a fé vem pelo ouvir e ouvir a palavra do Messias*", isto é, o Evangelho do Messias (*versículo 17*). Ele observou no *versículo 14* que é preciso ouvir Jesus pregar para ser salvo: "*Como podeis crer naquele a quem não ouvistes…?* [pregar]" (ver NASV, não NVI).

Portanto, tudo remonta a Jesus, que durante cerca de 30 capítulos dos Sinópticos pregou o Evangelho *sem mencionar naquele momento a sua morte e ressurreição*. O caminho real para a imortalidade e o governo no Reino vindouro, bem como para a paz na terra para a raça humana, começa e termina com Jesus, que foi inflexível na sua rejeição de qualquer noção de uma Deidade coigual: "*Por que me chamas bom? Não há bom senão um só, que é Deus*" *(Mateus 19:17*).

O Reino de Deus como Evangelho

Nossa tarefa é anunciar em toda a parte (*Lucas 9:60*) o Reino de Deus como o Evangelho, e é o Reino do Deus Único de Israel que será administrado pelo Messias humano, o Filho desse Deus Vivo. Há muito trabalho a ser feito, como reconheceu o estudioso católico romano que citei no início. O Filho de Deus "*nos deu entendimento para que conheçamos ao Verdadeiro* [Deus]" (*1 João 5:20*).

O caminho real para o Reino depende não apenas da morte e ressurreição de Jesus [12], mas igualmente do conhecimento e compreensão do Messias. "*com o seu conhecimento o meu servo, o justo, justificará a muitos*" (Isaías 53:11). Eles são "*Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça, como as estrelas sempre e eternamente*" (*Daniel 12:3*). Jesus também declarou: "Se vocês entendessem a Mensagem do Reino, vocês se arrependeriam, e eu lhes perdoaria" (*Mateus 13:15* com *Marcos 4:11, 12*).

Acredito que a herança da fé de Abraão nos dá um início incomparável nestes grandes tópicos da cristologia e do evangelho... E acredito que no próximo ano veremos mais e mais buscadores que abraçarão o evangelho como Jesus o pregou. Trabalhemos para esse objetivo e assim dêmos frutos ampliando a família real, que Jesus tanto ama.

Apêndice

Bíblia Scofield

Em *Gênesis 12:1*: "Deus fez uma promessa incondicional de bênçãos através da semente de Abrão

1. a) à nação de Israel para herdar um território específico para sempre (*Gênesis 12:5; 15:18-21; 17:7, 8*);

2. b) à igreja como em Cristo (*Gálatas 3:16, 28, 29*) e

3. c) às nações gentias."

[**Não há comentários sobre *Mateus 5:5* ou *Gálatas 3:29*, e observe como a terra e o território são imediatamente removidos da igreja e permitidos apenas para o Israel étnico.**]

Sobre a palavra "Evangelho"

Sobre *Apocalipse 14:6*: "Resumo do evangelho. A palavra "Evangelho" significa boas novas. Conforme usada no NT, a palavra trata de diferentes aspetos da revelação divina. Absolutamente essencial para a salvação do homem é **o Evangelho da graça de Deus** (*Romanos 2:16* refs.) [**Isso não nos diz que o Evangelho da graça de Deus é idêntico ao Evangelho do Reino! *Atos 20:24, 25***]. Esta é a boa notícia de que Jesus Cristo morreu na cruz pelos pecados do mundo, que ele ressuscitou dos mortos para a nossa justificação, e que através dele todos os que creem são justificados de todas as coisas.

É descrito como o Evangelho de Deus (*Romanos 1:1*) [**ele não nos diz que o Evangelho do Reino também é chamado de Evangelho de Deus, *Marcos 1:14, 15***], porque se origina em seu amor. ; "*de Cristo*" (*2 Coríntios 10:14*) porque brota do seu sacrifício e porque ele é objeto da fé; da "*graça de Deus*" (*Atos 20:24*) porque salva aqueles a quem a lei amaldiçoa; "*glorioso*" (*2 Coríntios 4:4; 1 Timóteo 1:11*) porque se trata daquele que está na glória e que está trazendo muitos filhos à glória (*Hebreus 2:10*); "*da nossa salvação*" (*Efésios 1:3*) porque através de Cristo ele faz a paz entre o pecador crente e Deus e torna possível a paz interior.

Sobre As Boas Novas

"OUTRO ASPECTO das boas novas é o "*Evangelho do Reino*" (*Mateus 4:23*), ou seja, as boas novas de que Deus pretende estabelecer na terra o Reino de Cristo, o Filho de Davi, em cumprimento da Aliança Davídico. (*2 Samuel 7:16*, nota). A Boa Nova deste Reino foi anunciada pelos profetas do AT (*Isaías 9:6, 7*), por Cristo na sua primeira vinda (*Mateus 9:35*) e será proclamada durante a grande tribulação (Mateus 24:14)".

[**Insinuando que o Evangelho do Reino não deveria ser pregado agora**]

"A palavra Evangelho inclui vários aspetos das boas novas da revelação divina. Mas o fato de Deus ter proclamado as boas novas do Evangelho da graça, do Evangelho do Reino vindouro e do Evangelho eterno do julgamento divino sobre os ímpios e da libertação dos crentes não significa que haja mais de um Evangelho de salvação. . A graça é a base para a salvação em todas as dispensações e é em todas as circunstâncias o único caminho de salvação do pecado".

[**Na verdade, porém, ele propõe um "aspeto" do Evangelho, o Evangelho do Reino, apenas para os judeus! Então ele produz dois evangelhos. Ambos têm graça neles, mas ambos não têm o Reino neles. Assim, o Reino é tirado dos não-judeus, e o ensino de Jesus é tirado de nós – compare, *2 João 7-9***].

Numa nota mais encorajadora, há outros que sentem que algo está errado com a pregação atual:

Professor de Evangelismo, *Dr. Taber*: "Fiquei chocado e surpreso ao ver que nenhum dos nove escritores de 'O que é o Evangelho?' mencionou o Reino de Deus". ("*Letter to Christianity Today*" – Carta ao Cristianismo Hoje, abril de 2000).

_____-

Notas Finais

[1] Esta visão foi apresentada pela primeira vez aos estudiosos por *Walter Bauer* em seu "*Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity*" (Ortodoxia e heresia no cristianismo primitivo), segunda edição, Bonn, 1963. O prólogo da segunda edição alemã diz: "No cristianismo primitivo, a ortodoxia e a heresia não são relacionados entre si como primários ou secundários, mas em muitas regiões a heresia é a manifestação original do Cristianismo."

[2] *Harnack*, "*History of Dogma and Loofs*" (História do dogma e das doutrinas), Leitfaden zum Studien der Dogmengeschichte.

[3] Um autor alemão refere-se a *Salmos 110:1* como um texto cristológico mestre.

[4] A Trindade não foi gravada em pedra até os concílios de Nicéia, 325, Constantinopla, 381, e Calcedônia, 451.

[5] É interessante notar a tentativa de corrupção do texto em alguns manuscritos que substituem a palavra "gênese", origem, criação, pelo termo menos explícito "*gênesse*" (com dois s), que significa nascimento. Veja "*The Orthodox Corruption of Scripture*" (A Corrupção Ortodoxa das Escrituras), de *Bart Ehrman*, Oxford University Press.

[6] "*Dialogue with Trypho*" (Diálogo com Trifão), 56.

[7] Para um relato fascinante da longa luta para tornar Jesus Deus, veja "*When Jesus Became God: The Epic Fight over Christ's Divinity in the Last Days of Rome*" (Quando Jesus se tornou Deus: a luta épica pela divindade de Cristo nos últimos dias de Roma), de *Richard E. Rubenstein*.

[8] José também pode ter sido parente de Davi através da linhagem de Natã.

[9] Para nós, socinianos, nem mesmo João sabia alguma coisa sobre uma preexistência literal do Filho, mas **apenas sobre a palavra – AB**

[10] Veja o apêndice no final deste artigo para a omissão do Evangelho do Reino por parte do evangelicalismo.

[11] Veja o apêndice deste artigo bíblico de *Scofield,* que divorcia sistematicamente o Cristianismo do Evangelho do Reino de Jesus.

[12] Compare com a notável visão de *Billy Graham* em *Lucas 4:43* que "Jesus veio trabalhar três dias".

Todas as citações da Bíblia neste estudo em espanhol foram retiradas da Versão da Bíblia Almeida Corrigida e Fiel 2007 (ACF2007), salvo indicação em contrário.

Título Original (em inglês): "***Jesus, the Word of the Kingdom and the Royal Road to Immortality***".

Tradução: Fernando Coutinho Sánchez (ferjoscousan@gmail.com)

Machalí, Chile.
Fevereiro de 2024